

O ministro da Saúde é quem está com razão

ERNESTO SILVA

Colaborador

Estimulado pelo corajoso pronunciamento do ministro Alcení Guerra, venho proclamar meu apoio incondicional ao seu impecável diagnóstico (já por mim detectado e denunciado há anos) sobre a situação do sistema de saúde em nosso país.

As quatro cabeças da Hidra são inquestionavelmente estas: corrupção, incompetência administrativa, partidarização excessiva do sistema e absenteísmo dos profissionais de saúde.

E sua Excelência ainda acrescenta: "Hoje há no Brasil uma imensa greve informal. Quando os profissionais de saúde comparecem ao serviço, atendem mal o paciente e saem rapidamente" (Eu acrescentaria, Sr. Ministro, que há honrosas exceções).

Editorial do **CORREIO BRAZILIENSE**, de 29 de abril p.p., sob o título "Reforma Moral", comentando o desordenado, confuso e desestruturado sistema de saúde do DF, analisa: "A situação desintegrou-se a tal ponto em virtude do abandono a que foi relegado o Plano Original de Saúde de Brasília. Como se sabe, tratava-se de um esquema de organização modelar, sem equivalente nacional".

Responsável por esse primeiro plano de saúde do DF, nos idos de 1960, implantamos, com cerca de 30 anos de antecedência, o Sistema Único de Saúde, a Regionalização e a Hierarquização, com tempo integral para o médico e o direito de o usuário escolher, para consulta, o profissional de sua preferência e criamos o Conselho Comunitário de Saúde, com participação de todos os segmentos da comunidade. Vimos, desde então, lutando denodadamente, sem êxito (semeci em solo adusto), por um sistema de saúde único, ágil, humanitário e digno para o DF.

Ao longo desse lapso, temos alertado todos os secretários de Saúde quanto às distorções e aberrações perpetradas, que nos levaram à condição atual, decorrente muito mais de mau gerenciamento que propriamente de insuficientes recursos financeiros.

No dia 11 de março, publiquei artigo no **CORREIO BRAZILIENSE** ("A verdade sobre Brasília-III"), no qual descrevo a minha luta por um sistema de saúde digno para o DF e a minha frustração na batalha que venho sustentando, com sacrifício e denodo, há muitos anos, contra a incompreensão, a mediocridade e o desperdício.

Para comprovar que não é difícil uma reformulação de atitudes, cito o exemplo de Rondonópolis. Convidado, em 1983, para organizar o sistema de saúde daquele município, reuni, em tempo integral, durante três dias, o Prefeito, o Secretário de Saúde, o Diretor do Inamps, o Provedor da Santa Casa, profissionais de saúde e líderes comunitários e tracei as bases de um plano unificado, regionalizado, hierarquizado, com plena participação popular definindo as funções de cada Unidade de Saúde dentro do sistema. Tudo muito simples como convém às grandes idéias.

Apesar de não terem sido alocados recursos adicionais aos já existentes, o resultado foi espetacular:

a) a mortalidade infantil caiu de 38.77 por mil (1982) para 15.61 (1985) a menor do Brasil;

b) a mortalidade neo-natal despençou de 17.62 por mil (1982) para 7.57 (1985);

c) o Inamps considerou o sistema de saúde de Rondonópolis um exemplo para o Brasil;

d) concederam-me o galardão de cidadão de Rondonópolis.

Em 1985, fiz publicar, na imprensa local, o artigo "Saúde no DF: passado, presente, futuro", terminando assim:

"Providências a tomar para que possamos almejar, em quatro anos, os objetivos preconizados pela Organização Mundial de Saúde para o ano 2000:

Primeira — Integração de todas as instituições, unificando-se o Sistema;

Segunda — ênfase especial para os programas de Educação em saúde e os de participação ativa e dinâmica da comunidade;

Terceira — a) a desmistificação da tecnologia médica, desvendando-se para o povo os segredos da ciência, de modo que a comunidade possua conhecimentos e informações tais que a convençam que a responsabilidade primordial pela saúde pode ser assumida pelo indivíduo e pela família; b) desmedicalização: tratamento caseiro e medicina alternativa; c) desospitalização".

Finalizando, devo afirmar, convietamente, que o repasse de fabulosas verbas às Secretarias de Saúde será inócuo se não combatermos, em primeiro lugar, as causas referidas pelo ministro Alcení Guerra, tão bem explicitadas em recente editorial do **CORREIO BRAZILIENSE**: "A interferência dos políticos partidários, a postura relapsa de muitos órgãos e profissionais, o caráter secundário atribuído ao exercício das atividades médicas e o descaso na prestação de serviços".